

Sentidos do milagre durante e depois da pandemia da Covid-19: implicações psicossociológicas

Recebido: 18.04.24

Aprovado: 17.06.24

Marta Helena de Freitas¹(<https://orcid.org/0000-0003-1552-6016>)Miriam Martins Leal²(<https://orcid.org/0000-0002-8141-2546>)

Resumo: Em meio à crise existencial, científica e socioeconômica desencadeada na pandemia da covid-19, a vida humana foi profundamente afetada. Mais que nunca, a expressão “milagre” circulou nas mídias de modo exaustivo e contundente, metamorfoseando-se em diferentes concepções. Este artigo, fundamentando-se numa leitura fenomenológica e em diálogo da psicologia com a sociologia compreensiva, objetiva discutir o tema, num exercício de desvelamento dos diversos sentidos dessas concepções, vivências e representações do milagre no mundo da vida, buscando distinguir e compreender suas múltiplas implicações existenciais e psicossociais durante e após a pandemia. Ilustra-se esse desvelamento com reportagens que circularam na mídia, apresentando-se também um modelo, inspirado na fenomenologia husserliana, com vistas a favorecer uma leitura compreensiva desse fenômeno social e suas relações com a espiritualidade, a religiosidade e a religião. O estudo mostra que as diversas concepções ilustradas podem ter implicações psicossociais saudáveis, e.g. promovendo esperança ou resiliência, ou danosas, e.g. alimentando ideologias neoliberais/colonizadoras.

Palavras-chave: pandemia; pós-pandemia; milagre; fenomenologia; mídia.

Meaning of miracles before and after the Covid-19 pandemic: the psychosocial implications

Abstract: Amid the existential, scientific and socioeconomic crisis triggered by the Covid-19 pandemic, human life was profoundly affected. More than ever, the expression “miracle” circulated in the media in an exhaustive and forceful way, metamorphosing into different concepts. This article, based on a phenomenological approach, and in dialogue with psychology and comprehensive sociology, aims to discuss the topic, as an exercise of unveiling the different meanings taken by the conceptions, experiences, and social representations of the miracle in the world of life, seeking to distinguish and understand its multiple existential and psychosocial implications during and after the pandemic. This unveiling is illustrated with reports that circulated in the social media, also presenting a model, inspired by Husserlian phenomenology, with a view to promote a comprehensive reading of this social phenomenon and its relationships with spirituality, religiosity, and religion. The study shows that the different conceptions illustrated can have healthy psychosocial implications, e.g. promoting hope or resilience, or harmful ones, e.g. fuelling neoliberal/colonizing ideologies.

Keywords: pandemic; post-pandemic; miracle; phenomenology; media.

1. Psicóloga, doutora em Psicologia, com pós-Doutoramentos em Psicologia da Religião (University of Kent at Canterbury, UK), Psicologia Intercultural (Universidade do Porto, Portugal) e Antropologia da Religião (University of Wales Trinity University Saint David, UK). Professora do Programa de Psicologia da e do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, DF, Brasil.

2. Médica pela Escola Superior de Ciências da Saúde (ESCS), pediatra pelo Hospital Materno Infantil de Brasília (HMIB) e médica-pediatra concursada na Unidade de Neonatologia do HMIB. Docente Adjunta do Curso de Medicina do Centro Universitário de Brasília (CEUB). Mestre em Ciências da Saúde pela ESCS e doutoranda em Psicologia na Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, DF, Brasil.

Concepções e vivências do milagre durante a pandemia da covid-19: implicações psicossociais

Introdução

Durante a pandemia da covid-19, viveu-se uma crise existencial-científico-socioeconômica que resultou em colapso do sistema de saúde e polarização política no Brasil. Em meio a divergências e inseguranças, a palavra milagre foi exaustivamente utilizada, seja para referir-se ao sobrenatural ou expressar estados de esperança de vida e maravilhamento por inesperados desfechos clínicos favoráveis, inexplicáveis curas ou pessoas de risco oligo assintomáticas. Na mídia, a crença no milagre se metamorfoseou nas diversas circunstâncias vividas pelos indivíduos, sociedade e Estado. Inúmeras expressões midiáticas ilustram que diferentes concepções e vivências de milagre trouxeram sentido ao caos existencial vivido no auge da pandemia, tanto para cidadãos comuns ou religiosos, como para profissionais, principalmente na área da saúde, tendo sido usadas também para finalidades políticas e econômicas. Nesse contexto, a crença no milagre apresentou várias traduções semânticas, mas sem a devida reflexão tanto sobre seu significado, quanto sobre possíveis repercussões no sujeito e na sociedade, principalmente quando foi utilizada por representantes do governo durante a pandemia.

Considerando o exposto, o presente artigo tem como objetivo realizar uma análise das diversas maneiras pelas quais o milagre foi conceituado, concebido, esperado e experimentado durante a pandemia, a partir de uma leitura fenomenológica. Toma-se como parâmetro a circulação do termo em reportagens, matérias e notícias veiculadas pela mídia, sobretudo a brasileira e impressa, no período pandêmico e pós-pandêmico, objetivando discutir e compreender as implicações existenciais e sociais de um fenômeno tão complexo, como é o milagre, e susceptível de diversas interpretações, seja em termos de seus impactos sobre a saúde, física e mental, e/ou outros processos psicossocioculturais. O trabalho se organiza em três sessões: a primeira traz um breve panorama da crise na saúde instaurada com a pandemia da covid-19 no Brasil, descrevendo e ilustrando como a crença no milagre e o uso desse termo reverberaram nas mídias no seu auge e nos anos subsequentes; a segunda discorre sobre as várias concepções de milagre, conforme diferentes perspectivas e disciplinas – mas sobretudo a partir de um diálogo entre psicologia, fenomenologia e sociologia, e suas diversas implicações existenciais e psicossociais; e, finalmente, a terceira sessão busca focar na vivência ou crença no milagre, enquanto propulsora de sentido, a partir de uma leitura fenomenológica dos conceitos de

espiritualidade, religiosidade e religião, no intuito de compreender os seus vários destinos no período pandêmico e pós-pandêmico, bem como as suas diversas implicações psicossociais.

Crise na saúde desencadeada durante a pandemia e mecanismos de enfrentamento

Uma nova cepa do coronavírus – SARS-CoV-2 –, um vírus comum entre a população mundial e sem grande virulência, surgiu em Wuhan, China, em dezembro de 2019, e rapidamente tornou-se um problema mundial, visto a sua gravidade e a rapidez de sua transmissibilidade. Além disso, a sua capacidade de desencadear no sistema imunológico do ser humano uma atividade pró-inflamatória gerou sobrecarga global dos sistemas de saúde, em especial no Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil.

Inicialmente, a forma mais segura de lidar com o vírus foi a implementação do isolamento de contato, o famoso *lockdown*, que desnordeou processos econômicos, sociais e laborais e veio acompanhado de muitas dúvidas e questionamentos sobre certezas previamente estabelecidas e ditadas pelo sistema econômico de valorização do consumo, demeritando valores morais, éticos, espirituais e, por que não dizer, também religiosos. As mídias escancararam a fragilidade humana, bem como dos Estados, principalmente aqueles ditos em desenvolvimento, como o Brasil. Por outro lado, no âmbito subjetivo, a pandemia promoveu significativos impactos na saúde mental dos indivíduos, gerando medo – de ser contaminado, de morrer, de ter familiares mortos pela doença (Viana et al., 2021) –, angústia, tristeza, preocupação, tensão (Gil et al., 2022), dentre uma variedade de emoções difíceis de serem administradas intra e intersubjetivamente. Muitas vezes, esse conjunto de afetos culminou em irritabilidade, ansiedade (Viana et al., 2021), depressão, aumento de consumo de bebidas alcoólicas ou outro tipo de drogas lícitas e ilícitas (Vargas et al., 2023) e até mesmo aumento nos índices de violência doméstica associada ao isolamento social (Souza; Farias, 2022) e das taxas de tentativa e efetivação do suicídio (Soares; Stahnke; Levandowski, 2022). De fato, a pandemia da covid-19 não apenas afetou o ser humano em sua existência física, mas atingiu profundamente o seu psiquismo, mobilizando questionamentos existenciais, crises de sentido, reflexões sobre os destinos da humanidade (Silva; Freitas, 2023) e até mesmo quebras de paradigmas ideológicos, exigindo que as pessoas se reorganizassem econômica, psíquica e espiritualmente (Nahra, 2020).

Não apenas os pacientes acometidos da doença virulenta e seus respectivos familiares viveram momentos de insegurança, mas também os profissionais apresenta-

ram sofrimento psíquico intenso (Corbanezi, 2023). Destacam-se os profissionais de saúde que lidaram com o distanciamento da família para proteção dela e com a impotência diante do desabastecimento e falta de estrutura do SUS bem como da falta de coerência nas decisões do Ministério da Saúde (Brandão; Mendonça; Sousa, 2023). Fatos culminaram em dilemas éticos e responsabilização por mortes evitáveis diante da necessidade de priorizar a vida de alguns em detrimento de outros. Também os profissionais da educação sofreram com a cobranças neoliberais do sistema privado de educação para se adequarem rapidamente ao ensino virtual e também enfrentaram as desigualdades sociais, pois, no sistema público de educação, muitos alunos não tinham acesso aos equipamentos e à internet para continuarem os estudos (Matias et al., 2022).

Diante desse cenário de caos sanitário, humano e estatal, os cidadãos enfrentaram a pandemia e o isolamento social de inúmeras maneiras. A busca por informação, sem dúvida, foi essencial como forma de prevenir a doença, como também na tentativa de conciliar as questões de saúde com as de ordem econômica, social e existencial. Mas só a busca e o acesso à informação não eram suficientes. No cenário brasileiro, por exemplo, notou-se também uma divergência entre o que estava sendo proposto pelo então Ministro da Saúde e o que era defendido pelo governo, colocando saúde e economia como rivais em um cenário no qual era necessária a união de ideias e ideais. Tal situação criou ainda grande impacto nas mídias sociais, potencializou a manipulação de informações, gerando uma enxurrada de *fake news*, notícias e informações falsas, com propósitos de quebra de isolamento social e incentivo ao desenvolvimento econômico. A situação foi tão crítica – e não apenas no Brasil –, que a Organização Panamericana de Saúde a chamou de infodemia (Zielinski, 2021), ou seja, uma pandemia de informações, que dificultava discernir o que era idôneo e verdadeiro. Afinal, muitas dessas informações originaram-se de iniciativas dos próprios governantes, não apenas brasileiros, que se pautavam em crenças pessoais e apelos emocionais, ao invés de evidências científicas e fatos objetivos.

Em face da precariedade contingente às situações e construções anteriormente descritas, emergiram também as impulsões em busca de sentido para além daquilo que se mostrava materialmente visível ou racionalmente explicável. Algumas dessas alternativas buscavam ressignificar a forma consumista e individualista imposta pelo mercado. Assim, por exemplo, para alguns, o sofrimento da pandemia favorecia um modo de compreensão da necessidade de viver em conjunto com outras pessoas, reconhecendo a humanidade como uma célula coletiva que necessita da interação com os demais para atingir um equilíbrio psíquico (Buril, 2020). Assim, por meio de atitudes altruístas e solidárias (Nahra, 2020) ou, ainda, calcada em

valores assentados na religião (enquanto sistemas de crenças compartilhados), na religiosidade (enquanto modo subjetivo de experimentar a crença no transcendente) e/ou na espiritualidade (enquanto impulso à busca de sentido para a própria existência), grande parcela da humanidade buscava encontrar e atribuir significado ao que se vivia naquele momento, com a gravidade e extensão da doença e suas consequências (Viana et al., 2021).

Por outro lado, essas esferas da existência humana, que se constituíam, naquele momento, como movimentos de transcendência à realidade material, mas também como mecanismos subjetivos e intersubjetivos de enfrentamento a esta, foram simultaneamente exploradas por estratégias de manobra das massas, por alguns líderes estatais, não faltando quem chegasse a se colocar como verdadeiro enviado de Deus, um Messias, para enfrentar a pandemia. Nesse contexto, em que se mistura a fé – fundada na espiritualidade, religiosidade e religião – com as questões de natureza política, ideológica e econômica, o discurso do milagre foi muito prevalente, mas pouco ou nada discutido e refletido! – tanto na sociedade, quanto no discurso de seus representantes governamentais.

Inúmeros exemplos de notícias e reportagem veiculados pelas mídias sociais ilustram a expressividade e o impacto existencial, psicológico e social do “milagre” e suas vicissitudes numa sociedade tão diversa e complexa como é a brasileira. Por isso mesmo é que o assunto merece uma reflexão mais aprofundada, sob pena de estigmatizar experiências humanas significativas e que foram tão fundamentais para o enfrentamento da pandemia, bem como para a reorganização da vida no período pós-pandêmico. No intuito de contribuir com essa reflexão aprofundada, qualificando o sentido do milagre na experiência subjetiva, intersubjetiva e seu impacto nas relações sociais estabelecidas no mundo da vida, este estudo buscar estabelecer um diálogo interdisciplinar entre psicologia fenomenológica e teorias sociológicas antiessencialistas, em especial: a sociologia compreensiva de Alfred Schütz, a sociologia do conhecimento de Berger e Luckmann e a teoria das representações sociais de Serge Moscovici. Sabe-se que tais abordagens qualificaram a experiência humana, em consonância com a fenomenologia de E. Husserl e/ou Merleau-Ponty. Por isso, elas favorecem uma leitura compreensiva das distintas concepções de milagre pelos diversos atores da sociedade e do estado governo, levando em conta suas respectivas ancoragens e discursos específicos, sejam de cunho filosófico, religioso, científico, ideológico, político, entre outros. Como estratégia para ilustrar diversas e cotidianas concepções e ancoragens do milagre, consideram-se as notícias e reportagens veiculadas, sobretudo em língua portuguesa, durante a pandemia, em sites de diversos jornais, empresas de comunicação e mídias sociais. Tais notícias e reportagens foram obtidas por meio de uma

varredura de reportagens publicadas no período da pandemia, usando as palavras chaves “pandemia” e “milagre” lançadas no Google. Esse exercício de varredura foi realizado, retroativamente, no período novembro a dezembro de 2024, encontrando-se mais de cinquenta diferentes reportantes, dentre as quais foram selecionadas as mais significativas para ilustrar as diversas formas tomadas pelo milagre. Tais notícias foram complementadas com outras publicadas no Reino Unido no mesmo período, empregando-se o mesmo método.

Diferentes concepções de milagre e seus impactos existenciais e psicossociais

A palavra milagre deriva do latim *miraculum*, que significa prodígio, maravilha, coisa prodigiosa e extraordinária (Oxford, 2010). Etimologicamente, portanto, ela não guardaria, necessariamente, nenhuma vinculação religiosa ou espiritual. Entretanto, esse fenômeno tem sido considerado objeto privilegiado da teologia. E isso faz com que alguns discursos tomem o milagre como experiência que, necessariamente, extrapola e contraria as leis da natureza. Esse viés pode ser verificado, já de saída, na primeira definição do dicionário Oxford (2010): “milagre é um ato ou acontecimento fora do comum e inexplicável pelas leis naturais”. O mesmo se observa no Dicionário Priberom da Língua Portuguesa (2023) “Milagre: substantivo masculino. 1. Fato sobrenatural oposto às leis na natureza”.

De fato, para o filósofo empirista David Hume (1711-1776), em suas “Investigações sobre o entendimento humano”, milagres não existem, na medida em que caracterizariam uma violação das leis naturais, algo inconcebível. Essa conclusão, fundada em seu profundo ceticismo filosófico, vê-se severamente afrontada nos discursos que continuam reverberando a palavra milagre como algo tão presente na vida das pessoas, como se viu durante a pandemia, e ilustrada pela mídia ao reproduzir relatos de pacientes, familiares, profissionais ou até mesmo de governantes. Entretanto, boa parte dos usos do termo milagre reforçam tal ceticismo.

De um lado, o ceticismo humeniano alimenta uma postura de criticismo fundamental para se lidar com as mazelas das *fake news* e dos usos e abusos políticos e econômicos em torno da crença popular. Tome-se como exemplo as inúmeras tentativas do ex-presidente Bolsonaro de tornar a cloroquina um medicamento eficaz contra a covid-19, favorecendo inclusive empresas ou grupos de profissionais que manipulavam dados a favor do uso da referida medicação. Assim, nas reportagens “Prevent Senior, em busca do macabro milagre da cura pela cloroquina

que alimentou Bolsonaro”³ e “Um governo obcecado por falsos milagres contra a covid-19”⁴, denuncia-se como o “milagre da cloroquina” foi propalado para fazer-se acreditar em algo impossível e que extrapolaria as leis naturais, violando as estatísticas retratadas nas pesquisas, já que o medicamento não era cientificamente eficaz para combater as complicações decorrentes da covid-19 e ainda prolongava internações (Palmeira et al., 2020). Ou ainda, noutro exemplo, também empregando o termo milagre numa estratégia de manobra eleitoral, agora sob a forma de sarcasmo que viralizou no mundo inteiro, o ex-presidente, quando questionado sobre o fato de os índices de mortes no Brasil terem ultrapassado as da China, no início da pandemia, simplesmente respondeu: “E daí? Sou Messias, mas não faço milagre”⁵⁻⁶. Num trocadilho irônico e sarcástico, ele negligenciou suas responsabilidades como presidente, delegando a Deus – aquele que, sim, faria o milagre! – o destino de toda uma nação. Ainda que, então como presidente do país, ele tivesse, sim, o poder de gerir melhor toda a estrutura política e econômica do país, distribuindo melhor seus insumos e evitando a falta de oxigênio no Amazonas, para seu eleitorado, o “milagre” delegado a Deus não representava uma omissão, mas, sim, um símbolo de sua fé e virtuosidade cristã.

Os exemplos anteriormente descritos coadunam-se com uma visão sociológica na qual o milagre é criado a partir da corporificação de um discurso usando fala, gesto e tonificação do narrador (Soares; Pinto, 2015), prestando-se a determinados fins políticos e ideológicos ou à manutenção de uma ordem econômica estabelecida (Zaluar, 1950).

Por outro lado, apesar do número de mortos durante a pandemia, nem tudo aquilo que a mídia trouxe à tona, naquele período, foram notícias e histórias ruins. Houve inúmeros relatos sobre a recuperação surpreendente de pessoas com comorbidades ou gravemente atingidas pelo vírus tão fatal, muitas delas conseguindo se curar mesmo após meses de internação. Desse modo, foram veiculadas inúmeras notícias como as que se seguem: “Eu sou um milagre, diz paciente após se recuperar da covid-19”⁷; “Médicos e sobreviventes da covid contam milagres que vivenciaram em 2020”⁸; “Milagres durante a pandemia”, título reproduzindo o relato da experiência de missionários no Brasil⁹. Esses e tantos outros casos vivenciados por brasileiros e veiculados pela mídia ilustram a expressão do milagre e do modo como foi experimentado, caracterizando demonstrações de fé, de esperança, de resiliência e de ressignificação. Ou seja, muitas histórias revelaram algo de extraordinário e maravilhoso, seja pelas curas inesperadas ou situações ainda não passíveis de explicações científicas claramente estabelecidas. Como elas poderiam ser reduzidas à noção de milagre tomada pelo filósofo David Hume? Afinal, em todas elas, embora a cura não fosse mais expectada pela medicina, conside-

3. El País, Brasil, São Paulo/Brasília, 23 set. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-09-23/prevent-senior-em-busca-do-macabro-milagre-da-cura-pela-cloroquina-que-alimentou-bolsonaro.html>

4. Instituto Questão de Ciência, 17 mar. 2021. Disponível em: <https://www.revistaquestao-deciencia.com.br/artigo/2021/03/17/volta-dos-que-nao-foram>

5. Estado de Minas, Belo Horizonte, 10 jun. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/06/10/interna_politica,1275555/bolsonaro-fala-sobre-tcu-e-diz-que-cloroquina-fez-milagre-no-brasil.shtml

6. G1, Rio de Janeiro, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>

7. Governo do Pará, Secretaria de Saúde Pública, Serviço de informação ao cidadão, Belém, 17 jun. 2021.

8. A Gazeta, O cotidiano, Vitória, 25 dez. 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/medicos-e-sobreviventes-da-covid-contam-milagres-que-vivenciaram-em-2020-1220>

9. Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias, experiência missionária, ago. 2020. Dis-

ponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/study/liahona/2020/08/bra-por-local-pages/local-news-008?lang=por>

10. UOL, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/02/24/milagre-entenda-por-que-algumas-doen-cas-somem-espontaneamente.htm>

rando-se o paradigma probabilístico que a rege, não se tem como afirmar que elas estariam, por isso, contrariando as leis da natureza. Aliás, em muitos casos, a despeito do maravilhamento e da surpresa de todos os envolvidos – pacientes, familiares e profissionais de saúde – diante de uma surpreendente recuperação daqueles que passaram por um quadro tão grave e já quase sem esperanças, havia a certeza de se ter investido no cuidado com tais pacientes, empregando equipamentos, medicamentos e alternativas então disponíveis. O milagre fora, então, o fato de essas pessoas, que se curaram e sobreviveram, terem vencido estatísticas que, se tomadas como fato científico, levariam necessariamente a prognósticos mais sombrios.

O milagre se mostrou, muitas vezes, também na constatação de que algumas pessoas tinham tudo para ser contaminadas, do ponto de vista técnico e empírico-estatístico, mas não foram ou, se foram, não apresentaram sintomas. E, com isso, muitas vezes puderam cuidar daqueles que estavam sob seus cuidados em estados muito graves. Aqui, certamente, a noção de milagre não pode ser reduzida a um fenômeno que contraria as leis da natureza. Tal como se lê na reportagem “Milagre? Entenda por que algumas doenças somem espontaneamente”¹⁰, se para quem recorre à fé o milagre é compreendido como acontecimento divino, para a medicina ele será definido como uma condição de saúde que surpreende positivamente os especialistas diante de prognósticos sombrios esperados com base em conhecimentos técnicos disponíveis até então. Fica claro, então, que contrariar as estatísticas não é sinônimo de violar leis naturais; obter um resultado inesperado não significa violar princípios que regem o mundo natural ou a vida humana. E isso é completamente diferente de *fake news*. Nesse sentido, fica possível associar a cura da infecção por covid-19 – ou mesmo a não contaminação pelo vírus em condições estatisticamente desfavoráveis, ou ainda, a ausência de sintomas mesmo quando da contaminação – a algo que possa ser simultaneamente lido como um milagre, sustentado pela fé de pacientes que buscam sentido existencial mesmo em circunstâncias de sofrimentos tão graves como as da pandemia, mas também em função de condições fisiológicas objetivas ainda não suficientemente conhecidas pela ciência até aquele momento.

De fato, conceber o milagre de uma perspectiva teológica não significa necessariamente tomá-lo como contraditório à ciência. Assim, por exemplo, São Tomás de Aquino (1265-1273) argumenta que a causa direta do milagre está, em última instância, ligada à vontade divina (como defende o religioso), mas em consonância com as leis naturais, que são também divinas. Também o teólogo e fenomenólogo Paul Tillich (1967) assume que o milagre não deve ser interpretado em função de “interferências sobrenaturais nos processos naturais”. Em vez disso, é

tomando como fenômeno da existência humana, estruturando-se na realidade, ainda que adquirindo caráter de “evento surpreendente, inusitado, estremeceador” (Tillich, 1967, p. 117) e vivido com a sensação de êxtase e maravilhamento. Ou seja, ao ser experimentado pelas pessoas reais como um fenômeno da ordem do “sagrado” ou “divino”, sustentando-se na espiritualidade e/ou fé religiosa, o milagre não tem que estar necessariamente colocado em oposição à realidade ou ser usado a serviço das manipulações políticas e econômicas de toda ordem, que se fizeram tão presentes durante a pandemia. Se isso é verdade do ponto de vista teológico, mais ainda o será do ponto de vista psicossocial, como se busca apontar e discutir aqui.

Tomar o milagre como um fenômeno expressivo do mundo da vida cria um caminho de investigação humana e social pelo qual a fenomenologia se coloca como “instrumento de análise das configurações de sentido que possibilitam a consciência de objetos” (Alves, 2015, p. 168), preocupando-se em compreender como as experiências se realizam perante o mundo real-social, em vez de buscar acessar o próprio objeto em si. O foco de atenção passa a ser, então, o sentido existencial-ontológico, a experiência efetiva no mundo da vida das pessoas (Alves, 2015), e não necessariamente os fatos objetivos tomados como condicionantes das relações de causa e efeito, como quer uma ciência inspirada no positivismo. Assim, as experiências religiosas, como aquelas que sustentam a crença no milagre, são compreendidas como fenômenos complexos, que devem ser estudados em ato, considerando-se a subjetividade (sujeito) que se desvela num movimento de consciência e que se realiza na intencionalidade (Costa; Castro, 2017), com impactos na intersubjetividade e, por decorrência, na sociedade e no coletivo.

Ou seja, uma leitura psicossocial inspirada na fenomenologia – segundo a proposta hursseliana de ser uma filosofia que inspira uma ciência de rigor (Husserl, 1907/2000), mas também profundamente vinculada ao mundo da vida (Husserl, 1965) – busca a essência da crença no milagre na realidade compartilhada pelas pessoas concretas, e não fora dela, levando-se em conta o significado de uma vivência intencional da consciência, que é imanente, transcendente, subjetiva, intersubjetiva, intuitiva e cognitiva. E, justamente por não desvincular o conhecimento da realidade concreta do mundo da vida, o pai da fenomenologia escreveu: “o conhecimento, a coisa mais óbvia de todas no pensamento natural, surge inopinadamente como mistério” (Husserl, 1907/2000, p. 41). Assim, o mundo da vida, oferecendo fundamentação axiológica de todo conhecimento, é também onde se desenrolam os destinos dados a esse mesmo conhecimento, assim como aos seus limites. Essa concepção de milagre está em consonância com a noção de *nomos*, desenvolvida por Berger em “O *dossel* sagrado” (Berger, 1967/1985), em

que o mundo social é tomado como reflexo microscópico do “cosmos”, reafirmando-se, em termos religiosos, no sentido sagrado e misterioso atribuído ao caos. Como tal, ela expressa a função de dar sentido à realidade humana, a qual inclui fenômenos como o sofrimento, o mal e a morte, seja no âmbito coletivo ou individual. Nesse sentido, a religião tem papel decisivo na legitimação de um mundo social, com capacidade *sui generis* de colocar os fenômenos humanos num marco de referência cósmico.

Dessa forma, nos casos das experiências consideradas como “curas milagrosas” vividas durante ou depois da pandemia da covid-19, há que se voltar para os significados que lhes foram atribuídos por pacientes e familiares, assim como também pelos próprios profissionais de saúde e, ainda, para os desdobramentos decorrentes da interação entre as suas subjetividades. Qualificar a experiência dessas pessoas, vividas como expressão de “milagres”, não significa necessariamente ser “anticientífico” ou se colocar à margem de quaisquer criticismos a possíveis manipulações da fé a serviço de interesses de outra ordem. Essa compreensão permite não apenas repensar as relações políticas e econômicas no contexto mais abrangente do Estado, mas também as relações de poder constituído dentro das instituições e seus respectivos discursos. De fato, pesquisas empíricas realizadas sobre a crença ou a expectativa de milagres no contexto hospitalar, mesmo fora de situações que envolvam doenças decorrentes da covid-19, mostra uma tendência ao tensionamento entre o discurso de pacientes e familiares e o discurso dos profissionais de saúde acerca do milagre (Leal et al; 2022; Freitas; Leal; Nwora, 2022), em que o segundo tende a prevalecer sobre o primeiro, ancorando-se em relações de poder dado por um suposto conhecimento científico que excluiria possibilidades de se qualificar a vivência da fé e seus possíveis impactos positivos sobre a saúde física e mental de pacientes e familiares.

Como bem apontam Pawlikowski et al. (2015), creditar curas a um milagre faz parte da busca de sentido para a vida, em especial no contexto da pandemia. Entrementes, a capacidade de crer que uma dimensão “transcendente” intervém no cotidiano dos sujeitos, deliberando formas de aceitar a realidade e estabelecer sentido para o mundo vivido subjetivamente por cada cidadão, podendo assumir diversas perspectivas. Por isso, as diferentes formas de conceber o milagre durante a pandemia podem ser vistas sob aspectos positivos – e.g. curas como eventos extraordinários e maravilhosos vividos por profissionais de saúde, pacientes e familiares; esperança, propósito e sentido capazes de promover resiliência e transformação de realidades; – ou negativos – e.g. como algo impossível e inalcançável, decorrente de uma verdadeira alienação da realidade; manipulações que podem ferir completamente os direitos humanos, quando governantes neoliberais usam

a religião e a fé dos eleitores como estratégias a serviço do fortalecimento de uma economia estatal servil às multinacionais.

Em consonância com Pawlikowski et al. (2015), alguns estudos etnográficos de religiões espiritualistas, como o Kardecismo (Barbosa, 2019) e o movimento carismático (Silva 2011), apontam que a crença no milagre, e.g. por meio de recebimento de uma cura, não é vivida como algo extranatural, mas apresenta-se ligada a alguma forma de racionalidade. Os adeptos das religiões citadas frequentemente buscam ancoragem tanto na fé quanto na medicina vigente, criando um laço entre tratamento espiritual e tratamento médico. No Kardecismo, por exemplo, a fé se organiza de modo a compreender a doença como estando relacionada a atitudes tomadas em vidas passadas ou atuais, sendo a cura um mérito do próprio doente, em termos de atitudes morais e espirituais (Barbosa, 2019), mas também contando com a ajuda da equipe médica. Esse é um modo de fé em que não ocorre uma terceirização de responsabilidades sobre a própria saúde (Zaluar, 1980), ficando a noção de milagre associada não apenas à fé do indivíduo que busca a cura, mas também ao seu merecimento e aos auxílios que lhe são disponibilizados contextualmente. Por outro lado, em diversas formas de fé, os milagres, ao se propagarem e serem reconhecidos e sustentados por comunidades por meio das tradições específicas, ultrapassam o sujeito e chegam na sociedade como fenômenos que atraem ainda mais fiéis a determinadas religiões. Nesse sentido, ganham ressonância cultural, a qual é frequentemente empregada até como forma de se buscar prosperidade financeira (Birman. 2012), em especial em contextos sociais capitalistas em que imperam a pobreza e a violência, associando-se, por exemplo, ao aumento de religiões pentecostais e neopentecostais, visto que os milagres dessas igrejas não estão apenas ligados a curas, mas também à direta intervenção de Deus no meio social (Birman. 2012). E, nessa configuração social, a concepção de merecimento pode ser perigosa, se, por exemplo, o recebimento de quaisquer privilégios “milagrosos” passar pelo entendimento de que a pessoa é uma “escolhida” de Deus. Um exemplo desse perigo é justificar a famosa frase do ex-presidente – “E daí?” –, partindo do princípio de que os que morreram, durante a pandemia, não foram dignos de receber o milagre ou a cura e eximindo-o da obrigação de, como presidente, ser capaz de gestar a crise e distribuir adequadamente os recursos, segundo os princípios do SUS de equidade e integralidade.

Por outro lado, do ponto de vista fenomenológico, é fundamental que, ao reconhecer o fenômeno da ressonância cultural, relativamente à simbologia do milagre, os estudos sociológicos e antropológicos não se percam na hermenêutica. Ou seja, será preciso que, no exercício de se buscar identificar o conjunto

de seus significados para cada grupo específico, não se incorra no esvaziamento de seu poder, ao mesmo tempo misterioso, mas também “criador de realidades” (Segato, 2003, p. 11). Afinal, do ponto de vista psicossocial, a evidência de um milagre no mundo da vida se revela não apenas e simplesmente como fato, mas sobretudo como palavra estruturada e transcendente na boca daqueles que o corporificam, dotando-o de sentido e redundando em ações. Seguindo uma tese barthesiana, em seus estudos antropológicos sobre o milagre da aparição de Nossa Senhora em Piedade dos Gerais – MG, Almeida (2003, p. 113) entende que, no milagre, a semiologia do mito trabalha com estruturas de significações sem um conteúdo específico a priori, mas passível de se ligar a situações, ideias, ideologias e realidades históricas e contextuais disponíveis e compartilhadas no mundo da vida. Somando-se a isso uma leitura fenomenológica, entende-se que, mesmo numa tese barthesiana, também o misterioso e inédito se anunciam no rumor da própria língua. Isso fica evidente nas descrições etnográficas da referida autora ao trazer à luz o fenômeno da aparição de Maria, relatada por uma simples menina do interior mineiro, a qual, de repente, começa a falar com vocabulário refinado, convincente e atrativo a multidões heterogêneas, promovendo transformações fabulosas naquele contexto, onde a pequena fazenda do pai se torna espaço sagrado, de “refúgio material” e “orientação espiritual” (Segato, 2003, p. 11-12).

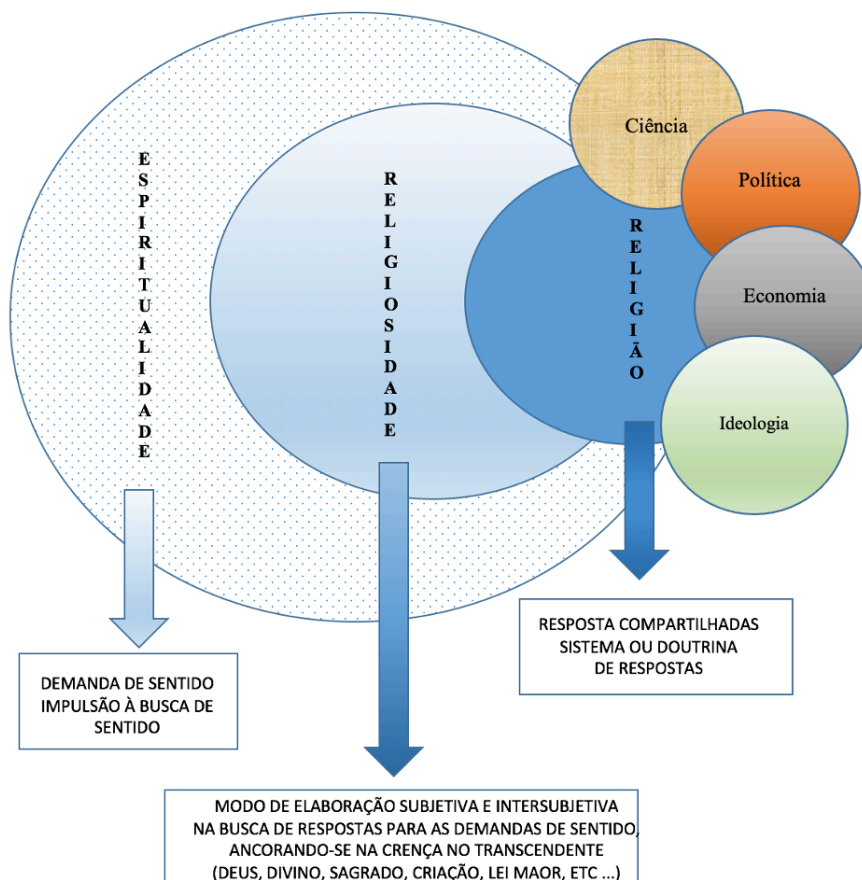
Os destinos do milagre na pandemia e pós-pandemia: uma leitura fenomenológica

Considerando-se a diversidade de concepções e vivências do milagre e suas conexões com a espiritualidade, a religiosidade e a religião, busca-se neste item um aprofundamento na compreensão fenomenológica desse processo. Ancorando-se diretamente nos textos de Husserl, em especial os que compõem “A crise da humanidade europeia e a filosofia” (Husserl, 1935/2002), em que o filósofo desenvolveu uma verdadeira ontologia do mundo da vida – *Lebenswelt* –, estabelece-se um diálogo com autores da sociologia compreensiva que o tomaram como referência, em especial Alfred Schütz (1979), Berger (1967/1985), Berger e Luckmann (1966/2004) e Serge Moscovici (2007). Tem-se, com isso, o intuito de contribuir para a superação do antagonismo entre tendências de cunho objetivo-naturalista e subjetivo-transcendental, buscando enraizar, na própria existência, tanto as explicações provenientes das ciências naturais como as dos saberes culturais, evitando-se reproduzir uma apologia ao cientificismo reducionista dos problemas especificamente humanos.

Etimologicamente derivado do termo latino *spiritus* e originalmente associado à noção de “sopro de vida”, o termo “espiritualidade” é tomado por Husserl (1935/2002, p. 44) como remetendo à própria intencionalidade, enquanto movimento impulsionado pela demanda existencial de sentido, dirigindo-se “exclusivamente aos homens como pessoas e para sua vida e agir pessoais”. Ao mesmo tempo, a vida pessoal é necessariamente remetida a “um viver em comunidade, como eu e nós, dentro de um horizonte comunitário [...], tais como família, nação e supernação”. O pai da fenomenologia reitera ainda que a palavra “vida” transcende o seu sentido fisiológico, sendo tomada como “criadora de cultura, em sentido mais amplo, numa unidade histórica” e teleológica. Assim, situa-se a espiritualidade no polo originário das grandes perguntas sobre a vida, sobre a existência, que ganham muito mais acento em momentos de grandes crises humanas, como os vividos com a pandemia da covid-19. Na base dessas questões estão aquelas em geral assim formuladas pelos homens comuns, mas também pelos filósofos e pelos cientistas: “de onde viemos?”; “onde estamos e o que estamos fazendo aqui?”; “para onde vamos?”.

Entretanto, a espiritualidade não se encerra apenas nas perguntas ou na impulsion e na busca de sentido, mas busca realizar-se no encontro de respostas que o realizem. E, em sendo assim, a crença numa dimensão transcendente, sagrada, criadora, infinita, última ou além do humano tem se constituído numa das formas (mas não a única!) de resposta que acompanham a humanidade, histórica e geograficamente, em todas as culturas de que se tem conhecimento. A essa experiência subjetiva de encontro de respostas nessa dimensão transcendente atribui-se o conceito de religiosidade, conforme ilustrado na Figura 1, reproduzida e adaptada de Freitas (2024). Nessa mesma figura, vislumbra-se a noção de religião, caracterizada pelo compartilhamento de formas específicas de religiosidade, enquanto organização coletiva que veicula crenças, valores, mitos e ritos compartilhados numa vida comunitária, na sociedade e na cultura, sob a forma de dogmas e doutrinas institucionalizadas num horizonte comunitário, o qual pode incluir a ciência, a política, a economia, a ideologia... Esse horizonte comunitário, por sua vez, constitui o contexto no qual as pessoas se inserem, se desenvolvem e interagem, de modo que, ao longo de suas existências, por meio da intersubjetividade, as experiências de outros se mostram disponíveis e, por meio de identificações e consentimentos mútuos, são também assimiladas, fornecendo ancoragens para as respostas às demandas de sentido que brotam da espiritualidade.

Figura 1: Espiritualidade, religiosidade e religião: modelo conceitual inspirado na fenomenologia



(Reproduzido e adaptado de Freitas, 2024)

O modelo aqui proposto pode, então, ser colocado em diálogo com a sociologia compreensiva, no sentido assinalado por Schütz (1979), tendo a intersubjetividade de pensamento e ação como pressuposto de um processo no qual a experiência de si e do outro torna acessível, fenomenologicamente, a vida em comunidade, permeada pelo caráter intencional das relações sociais. De fato, inspirado na fenomenologia husserliana, o sociólogo elaborou uma espécie de microsociologia em sua análise da herança social, percebida pelos indivíduos como já dada. Assim, buscou compreender como experiências e interpretações subjetivas do mundo da vida levam à formação de um sistema de crenças e interpretação comum, coletiva, social – no caso do modelo aqui proposto, a religião. Essa, por sua vez, enquanto construção social que acompanha todo conhecimento também socialmente cons-

truído pelos indivíduos, no mundo da vida, foi uma das principais preocupações de Peter Berger (1967/1985), especialmente, como se disse anteriormente, em seu conceito de nomos. Suas bases fenomenológicas ficam bem explicitadas nos dois primeiros capítulos de sua obra “A construção social da realidade”, em parceria com Luckmann (Berger; Luckmann. 1966/2004). Reafirmando a importância da realidade percebida, tal como dada pelo homem comum, em sua atitude natural do mundo da vida, e da respectiva interação face a face uns com os outros, por meio da intersubjetividade, ambos reconhecem o intercâmbio contínuo de intencionalidades e expressividades, ainda que tendo como dispositivo social comum a tipificação em padrões étnicos, profissionais, ideários, ideológicos, entre outros. Entretanto, como assinala Ramalho (2018, p. 138), no cerne desse raciocínio está uma concepção dialética de construção da realidade social, que se desenvolve em três fases: a) a contínua externalização da “produção humana individual, seja material ou ideal, sobre o mundo da vida através da imaginação e criatividade únicas do homo sapiens”; b) a objetivação, que se dá no “processo de institucionalização”, designando “autonomia desses produtos humanos exteriorizadas em relação a seus criadores particulares” e ganhando então “facticidade externa e coercitividade coletiva”; e b) a internalização, em que aquela “produção objetivada e transformada” se reinsere nas consciências individuais via processo de socialização. Nesse movimento dialético, então, o ser humano constrói a sociedade, o conhecimento, a religião, e as ideologias, mas é também construído por elas (Berger; Luckmann. 1966/2004). O modelo dialoga também com a proposta das representações sociais de Moscovici (2007). Afinal, tal proposta se constituiu em consonância com o conceito *husserliano de Lebenswelt*, tomando a experiência no mundo da vida como um sistema dinâmico, aberto e processual, em que tanto a linguagem quanto o corpo vivido estão na base da fenomenologia perceptiva, histórica e culturalmente contextualizada. De fato, com o seu conceito de representações sociais (Moscovici, 2000/2007), o psicólogo social assume a amplitude, a complexidade e a multiplicidade das formas de perceber o mundo, que se dão tanto por vias psicológicas como fisiológicas, numa interação recíproca e cuja imbricação entre sujeito e sociedade resulta em processos representativos expressivos do seu estado de espírito. Também por meio do seu conceito de ancoragem, relacionado ao processo de trazer uma ideia para o contexto familiar, o autor permite compreender como que, ao destacar uma figura – no caso, o milagre –, a percepção reveste-se, simultaneamente, de sentidos específicos, inscrevendo-o em num universo próprio.

Do ponto de vista psicossocial, então, a experiência desejada ou vivida como de natureza milagrosa, durante ou após a pandemia, pode se dar ou não no âmbito das três principais instâncias contempladas na Figura 1, conforme o contorno tomado na existência de cada um, mas considerando-se, também e necessariamente,

11. How miracle baby was born in Reading during coronavirus pandemic after huge operation involving 21 doctors. Berkshirelive, Berkshire - UK., 4 jun. 2020. Disponível em: <https://www.getreading.co.uk/news/reading-berkshire-news/how-miracle-baby-born-reading-18361593>

12. A Gazeta, O cotidiano, Vitória, 25 dez. 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/medicos-e-sobreviventes-da-covid-contam-milagres-que-vivenciam-em-2020-1220>

13. Vatican News, Vaticano, 22 jun. 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-06/papa-francisco-audienca-vaticano-profissional-saude-coronavirus.html>

14. Por que Deus permite a pandemia e fica calado? É um castigo? Faculdade Jesuíta de filosofia e teologia, Belo Horizonte, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/por-que-deus-permite-a-pandemia-e-fica-calado-e-um-castigo/>

o seu contexto histórico e social. Assim, mesmo em países europeus, de características mais seculares e muitos menos religiosos que o Brasil, também o milagre foi experienciado e divulgado pelas mídias. Vide, por exemplo, a repercussão na mídia britânica acerca de um caso de um bebê que sobreviveu durante a pandemia, mesmo ele tendo malformações cardíacas, o que exigiu uma gigantesca equipe profissional¹¹. A reportagem emprega o termo milagre para descrever a sobrevivência da criança, como também a possibilidade de interação de todos os envolvidos, em meio ao *lockdown*. Em nenhum momento, nas reportagens veiculadas pela mídia inglesa, viu-se, nesse caso, referência a questões de ordem religiosa. As respostas de sentido e respectivas representações sociais emergem com referência a um trabalho integrado da equipe e aos esforços conjuntos para garantirem a sobrevivência do bebê.

Por outro lado, diversos outros exemplos no Brasil evidenciam, de imediato, a vinculação da experiência vivida como milagre a sentidos e representações sociais de natureza espiritual religiosa. Tome-se o caso divulgado em reportagem capixaba de dezembro de 2020, em que um médico pediatra passou a ser paciente¹². Depois de apresentar várias complicações na internação de 57 dias na UTI, inclusive um acidente vascular cerebral, recebeu alta sem sequelas neurológicas. Segundo sua filha, ele viveu não apenas um milagre, mas vários, que continuam se repetindo. O próprio pediatra credita sua cura a uma graça divina. Note-se que a dimensão de sentido é realizada na crença no transcendente e isso não subestima o lugar da ciência e nem da própria atuação profissional em saúde. Aliás, numa outra reportagem brasileira, intitulada “Papa aos heróis da pandemia: o início de um milagre, 2020”¹³, reproduz-se um trecho de discurso realizado pelo Papa Francisco em referência ao trabalho dos profissionais de saúde, durante a pandemia, em que ele afirma: “que terminem bem esse milagre que vocês começaram”. Em outro artigo, de um padre Jesuíta¹⁴, verifica-se a atribuição da presença de Deus nos próprios seres humanos, e.g. vítimas, médicos, agentes sanitários, cientistas que buscam as vacinas, entre todos que se ajudam mutuamente, rezam pelos demais e buscam difundir a esperança, ainda que via os pequenos milagres cotidianos.

Os exemplos citados mostram que tanto a vivência da espiritualidade como da religiosidade, admitidas respectivamente como a busca do sentido existencial e a consequente elaboração subjetiva e intersubjetiva no encontro de respostas que o realizam, admitem o milagre como algo possível não porque seja necessariamente um evento extranatural, sem explicação científica, e sim porque o milagre é a representação de algo maravilhoso e extraordinário, que dá novo sentido ao sofrimento, recompondo a esperança mesmo em momentos difíceis, como os da pandemia. Emergem aí ressignificações do milagre como um evento, uma circunstância, uma

atitude, uma ação capaz de promover esperança, fortalecer a fé, proporcionar novas leituras e interpretações do vivido, reforçando a resiliência, o otimismo, a tolerância e a compaixão para lidar com o inesperado, o sofrimento e a tristeza. Assim, ao promover o sentido existencial, a crença no milagre permite acolher angústias, transformar sentimentos em direções mais saudáveis, atribuir ao sofrimento significados associados ao burilamento existencial, resultando frequentemente em processos de aprendizagem relacional, cidadã, ética e humana. Enquanto evento que se ancora na espiritualidade ou na religiosidade, o milagre é possível por fornecer sentido à morte – e não necessariamente pela sua eliminação do mundo da vida –, por sustentar a esperança diante da solidão promovida pelo isolamento, – e não necessariamente por remover ou negar a sua necessidade, por manifestar-se como fonte de energia para os trabalhadores de saúde e outros de áreas essenciais que conviviam com o risco de serem contaminados e não abandonaram a linha de frente, por estimular o altruísmo de muitos que promoveram campanhas de auxílio para minimizar a fome e a desigualdade social e até mesmo daqueles que rezaram e pediram pelo planeta e por pessoas que nem sequer conheciam.

Essa percepção e representação de milagre têm sido relatadas por pacientes acometidos de doenças graves, tais como câncer, malformação fetal e doenças neurodegenerativas, como forma de encontrar esperança e continuar vivendo – apesar de a cura nem sempre acontecer – e também como forma de ressignificar os fatos e encontrar algo de bom, que gera aprendizados e que pode transformar a vida dos envolvidos – cuidadores, familiares, profissionais e o próprio paciente (Leal et al., 2022; Freitas; Leal; Nwora, 2022; Bilber et al., 2020). De outro modo, vê-se também o milagre projetado, sob a forma de expectativas e possíveis propósitos para o período pós-pandemia, como numa nota técnica elaborada por Noronha (2020, p. 257) sobre como as religiões, no Brasil, se defrontam com a crise sanitária advinda da disseminação do novo coronavírus durante e após o período pandêmico. Assim o autor reproduz algumas diretrizes comuns estabelecidas por um grupo de religiosos que se reuniram virtualmente em 2020, buscando projetar os possíveis “milagres” da pandemia, sob a forma de esperança, para a sociedade desejada no pós-pandemia, destacando a necessidade de se reaprender a viver olhando para outros humanos e demais seres vivos com respeito, “deixando o eu” para “construir o nós”. Outro tópico importante da diretriz é aprender a viver na simplicidade, reduzindo o consumismo, e observar os pequenos milagres da vida, portando-se de maneira ética diante do capitalismo. Ainda outro tópico salienta a importância do cuidado com o planeta, adotando posicionamento político ecologicamente ético. E, por fim, a valorização da ciência para além dos interesses neoliberais, visando a produzir conhecimentos a favor da vida e do planeta.

15. BBC News Brasil, 2 out. 2023. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articulos/c4nv07mk1x2o#:~:text='S%C3%B3%20por%20milagre%20ganharia%20o%20mesmo%20no%20Brasil%3A%20como,%-C3%A9%20ser%20motoboy%20na%20Inglaterra&text=Quem%20compara%20a%20vida%20de,e%20retornos%20financeiros%20bem%20maiores>

16. BBC News, London – U.K., 6 out. 2021. Disponível em <https://www.bbc.com/news/health-58170809>

17. Damares vê “milagre da cloroquina” no PI, mas médico nega eficácia da droga. UOL, 16 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/16/cloroquina-damares.htm>

18. Damares visita hospital no Piauí: “Vimos ver o milagre da cloroquina”. Metrôpoles, Brasília, 14 mai. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/damares-visita-hospital-no-piaui-vimos-ver-o-milagre-da-cloroquina>

Se um olhar crítico para o atual período pós-pandêmico, ao longo dos anos de 2023 e início de 2024, leva a concluir que, objetivamente, os grandes milagres previamente projetados acima efetivamente ainda não se realizaram, isso não anula a força propulsora do seu sentido existencial para o mundo da vida das pessoas e das sociedades e também não deve cegar a visão dos pequenos milagres cotidianos. Entre estes, estão inclusive os milagres econômicos, muito explorados pela mídia, que ganham novas facetas no pós-pandemia, como ilustra reportagem da BBC News Brasil intitulada “‘Só por um milagre ganharia o mesmo no Brasil’ – Como é ser motoboy na Inglaterra”¹⁵. O título, reproduzindo a fala de um dos entrevistados ao contar sobre sua vida profissional naquele país, evidencia que a busca de sentido existencial, no pós-pandemia, vai para além da expectativa de cura e superação da pandemia da covid-19, propriamente dita, podendo comportar também um tributo, muitas vezes oculto, de ordem econômica e social, frequentemente muito bem manipulado por alguns líderes políticos e religiosos, como aponta Birman (2012).

Por outro lado, embora tanto a negação quanto o deslocamento da fé para interesses econômicos estejam presentes em algumas formas institucionais de concepções do milagre, elas não se ancoram exclusivamente na religião enquanto conjunto de dogmas e doutrinas a serviço do encontro de sentido existencial. A religião, do ponto de vista fenomenológico, embora em princípio se constitua como uma das respostas possíveis de sentido, enquanto compartilhamento de crenças ancoradas do transcendente, se expressa num horizonte comunitário, em que se mostra intrinsecamente conectada a outros aspectos que constitui a sociedade. Assim, como se viu na Figura 1, ao mesmo tempo em que ela se situa em conexão com os círculos que representam a fluidez da espiritualidade e a vivência subjetiva e intersubjetiva da religiosidade, ela se expande para além deles, conectando-se também à própria ciência e a aspectos políticos, econômicos e ideológicos. No âmbito dessas interrelações, durante a pandemia, o falso milagre muitas vezes chegou inclusive e se mostrar travestido de ciência, como fica ilustrado na reportagem britânica intitulada “Ivermectin: How false science created a Covid 'miracle' drug”¹⁶ e em outras tantas reportagens veiculadas no Brasil e no mundo acerca da postura do ex-presidente Bolsonaro, de um de seus ex-Ministros da saúde e da ex-Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares¹⁷⁻¹⁸, quando também se referiram ao milagre da cloroquina. Na defesa dos referidos medicamentos, e aliando-se a alguns movimentos evangélicos no país, alegavam resultados estatísticos confirmados em supostas pesquisas, ao mesmo tempo em que se mostravam contrários ao uso das máscaras, à política de isolamento e ao financiamento de vacinas.

Como se sabe, ambas as medicações foram testadas para a doença da covid-19, mas desde os primeiros artigos os resultados se mostravam fracos estatisticamente

(Palmeira et al., 2020). Entretanto, o governo optou por investir milhões de reais na produção de cloroquina e ivermectina, mesmo depois de ambas serem proscritas fundamentando-se em resultados de trabalhos científicos robustos e por terem efeitos colaterais que mais prejudicavam o paciente. Num misto de ideologia, interesses econômicos e crenças religiosas, a crença se manteve sem fundamentação científica, negando comprovações de pesquisas, alimentando o pensamento fantástico de ser a cloroquina um milagre que resolveria a situação pandêmica no país. Em uma *live* no Youtube, chegou-se a creditar o número de mortes divulgado no Brasil à mera supernotificação por parte dos órgãos de saúde¹⁹. A cloroquina foi designada um milagre, mas forjando-se em *fake news*, propagando a falácia de que a cura da covid-19 tinha sido encontrada. Aqui, sim, o milagre, forjado, constitui-se em evento que contraria evidências científicas que não endossam desejos do alto escalão então vigente. Ao mesmo tempo, chega a se travestir de ciência a serviço da negação da realidade e da desresponsabilização social, política e econômica no cuidado genuíno com a saúde da população brasileira.

Vê-se, então, que os destinos do conceito de milagre no contexto pandêmico e pós-pandêmico são plenos de implicações psicossociais e merecem contextualização cuidadosa, acompanhada de leitura fenomenológica capaz de propiciar compreensão que se situe para além de meras polarizações, reducionistas e equivocadas, seja entre subjetividade e objetividade, espiritualidade e religião, ciência e fé, vida subjetiva e cultura, saúde física e saúde mental, dentre outras tantas frequentemente propaladas no mundo contemporâneo.

Considerações finais

A sociedade, a mídia e mesmo os representantes do Estado continuam usando a palavra milagre em vários contextos. Na pandemia isso foi elevado à enésima potência, embora, na maioria das vezes, sem a necessária reflexão acerca de suas implicações existenciais, teleológicas e psicossociais. Banalizado, o termo esteve à mercê de um vendaval de reportagens de toda ordem, algumas expressivas de realidades existenciais, outras portadoras de *fake news*. Empregando-se o recurso da ilustração a partir de reportagens divulgadas durante a pandemia, este artigo cumpriu o objetivo de analisar as diversas maneiras pelas quais o milagre foi conceituado, concebido, expectado e experimentado durante a pandemia, a partir de uma leitura fenomenológica. Desse modo, contribui com uma reflexão sobre esse fenômeno a partir de seus significados na experiência das próprias pessoas e suas implicações num horizonte comunitário, incluindo aí a família, a sociedade, a cultura e o governo. Viu-se como milagre pode assumir perspectivas positivas e negativas, a depender de como sua essência é desvelada na interação com as pessoas

que o experienciam e no contexto em que se situam. Assim, a crença no milagre na busca do sentido pode trazer esperança e otimismo e ser promotora de resiliência. Entretanto, quando restrita a dogmas e doutrinas, pode facilmente se mascarar no negativismo e na fantasia, tornando-se perigosa, em especial quando a serviço de manipulações diversas, e.g. favorecendo o sistema econômico neoliberal e a colonização da sociedade para o mercado.

Entretanto, o mundo da vida está aí para mostrar, com muita força e a cada dia, que, a despeito de ainda existirem concepções do milagre que buscam excluí-lo da existência – como algo que supostamente fere as leis da natureza – ou tomá-lo apenas como forma de manipulação das massas, a sociedade pós pandêmica não apenas sobreviveu à pandemia da covid-19 e às *fake news* que a acompanharam, mas, mais que isso: o sentido da vida eterniza-se no milagre experimentado nas histórias de superação e sucessivas ressignificações das crises instaladas com a propagação de um vírus que, inesperadamente, ameaçou varrer a vida humana do planeta Terra. E, nesse processo, tanto a ciência como a fé, exercidas de modo genuíno, cumpriram e continuam cumprindo, cada uma e a seu modo, um papel fundamental.

Referências

ALMEIDA, T. M. C. O milagre do texto. *Vozes da Mãe do Silêncio- a aparição da Virgem Maria em Piedade dos Gerais (MG)*. São Paulo: Attar Editorial, 2003, p. 111-158.

ALVES, P. M. S. Juízos e normas para uma fenomenologia dos actos téticos e dos actos nomotéticos. *Rev. Int. Fil.* v. 38, n. 1, p. 167-205, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0100-6045.2015.V38N1.PMSA>

BARBOSA, A. W. S. Aqui a gente não faz milagre. Particularidade do tratamento espiritual de doenças no espiritismo kardecista. *Campos*, v. 20, n. 1, p. 80-100, 2019.

BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985 (publicação original de 1967).

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Trad. FERNANDES, F. S. Petrópolis: Vozes, 2004 (publicação original em 1966).

BIBLER, T. et al. A process-based approach to responding to parents or guardians who hope for a miracle. *Pediatrics*, v. 145, n. 3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1542/peds.2019-2319>

BIRMAN, P. O poder da fé, o milagre do poder: mediadores evangélicos e deslocamento de fronteiras sociais. *Horizontes Antropológicos*, v. 18, n. 37, p. 133-153, 2012.

BRANDÃO, C. C.; MENDONÇA, A. V. M.; SOUSA, M. F. O Ministério da Saúde e a gestão do enfrentamento à pandemia de Covid-19 no Brasil. *Saúde debate*, v. 47, n. 137, p. 58-75, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202313704>

BURIL, B. A pandemia e o individualismo que nunca existiu. Em: REICH, E.; BORGES, M. de L.; XAVIER, R. C. (Orgs.). *Reflexões sobre uma pandemia*. Florianópolis: Néfip-online, p. 30-34, 2020. Disponível em: <http://www.nefipo.ufsc.br/files/2012/11/LIVRO-Reflex%C3%B5es-sobre-uma-pandemia-2020.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2023.

CORBANEZI, E. Saúde mental, pandemia, precariedades: subjetivações neoliberais. *Revista Sociedade e Estado*, v. 38, n. 2, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202338020004>

COSTA, M. L.; CASTRO, G. J. M. A fenomenologia e a pesquisa em psicologia da saúde. *Rev. Nufen: Phenom. Interd.*, v. 9, n. 3, p. 127-139, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol09.n03artigo18>

FREITAS, M. H.; LEAL, M. M.; NWORA, E. I. Praying for a miracle part II: Idiosyncrasies of spirituality and its relations with religious expressions in health. *Frontiers in Psychology*, v. 13, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.893780>

FREITAS, M. H. Destinos da espiritualidade na clínica psicológica: Um modelo conceitual inspirado na fenomenologia. Em: PONCIANO, J.; NERBERN, M. *Fenomenologia: encontro marcado com a psicoterapia*. São Paulo: Summus, 2024 (no prelo).

GIL, J. et al. Physical Distancing and Mental Well-being in youth population of Portugal and Brazil during the COVID-19 pandemic. *Port J Public Health*, v. 40, n. 91, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1159/000525248>

HUME, D. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. Fundação da UNESP, 2004

HUSSERL, E. *A crise na humanidade europeia e a filosofia*. Trad. Urbano Zilles. Lisboa, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002 (publicação original em 1935).

HUSSERL, E. *Phenomenology and the crisis of philosophy. Philosophy as rigorous sci-*

ence and philosophy and the crisis of european man. New York: Harper Torchbooks, 1965.

HUSSERL, E. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000 (publicação original em 1907).

LEAL, M. M.; NWORA, E. I.; MELO, G. F.; FREITAS, M. H. de. Praying for a miracle- Part I: negative or positive impacts on health care. *Front. Psychol.*, v. 13, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.840851>

MATIAS, A. B.; FALCÃO, M. T. C.; GROSSEMAN, S.; GERMANI, A. C. C. G. A pandemia da COVID-19 e o trabalho docente: percepções de professores de uma Universidade pública no estado de São Paulo, Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 28, n. 2, p. 537-546, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023282.11972022>

Milagre. Dicionário Priberam online de português. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/milagre>. Acesso em: 30 dez. 2023.

Miracle. *Oxford English Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2007.

NAHRA, C. Tem futuro a humanidade? Em: REICH, E.; BORGES, M. de L.; XAVIER, R. C. (Orgs.). *Reflexões sobre uma pandemia*. Florianópolis: Néfiponline, p. 35-44, 2020. Disponível em: <http://www.nefipo.ufsc.br/files/2012/11/LIVRO.-Reflex%C3%B5es-sobre-uma-pandemia-2020.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2023.

NORONHA, C. P. Religião e covid-19: reflexões sobre a “sociedade” pós-pandemia. Carta de Conjuntura (Especial Coronavírus 2). Observatório de políticas públicas, empreendedorismo e conjuntura da Universidade de São Caetano. São Caetano do Sul, 13, p. 253-259, 2020.

PALMEIRA, V. A.; COSTA, L. B.; PEREZ, L. G.; RIBEIRO, V. T.; LANZA, K.; SILVA, A. C. Simões. Do we have enough evidence to use chloroquine/hydroxychloroquine as a public health panacea for COVID-19? *Clinica*, 75, 2020. DOI: <https://doi.org/10.6061/clinics/2020/e1928>

PAWLIKOWSKI, J.; WIECHETEK, M.; SAK, J.; JAROSZ, M. Beliefs in Miraculous healing, religiosity and meaning in life. *Religions*, v. 6, p. 1113-1124, 2015. DOI: <https://doi.org/10.3390/rel6061113>

org/10.3390/rel6031113

RAMALHO, E. Raízes fenomenológicas da sociologia da religião de Peter Berger. *Áskesis*, v. 7, n. 1, p. 132-14, 2018. DOI: <https://doi.org/10.46269/7118.266>

SÃO TOMAS DE AQUINO (1265-1273). *Summa Theologica*, 1692. Disponível em: <https://anucs.weblogs.anu.edu.au/files/2013/11/St.-Thomas-Aquinas-Summa-Theologica.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SCHUTZ, A. Meios sociais de orientação e interpretação. Em: WAGNER, H. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 96-109.

SEGATO, R. Apresentação. Em: ALMEIDA, T. M. C. *Vozes da Mãe do Silêncio - a aparição da Virgem Maria em Piedade dos Gerais (MG)*. São Paulo: Attar Editorial, 2003, p. 11-10.

SILVA, K. K. C.; FREITAS, M. H. de. Narrativas de psicoterapeutas sobre religiosidade/espiritualidade na clínica durante a pandemia do Covid-19. Em: Pedroso, J. da S.; Belloc, M. M.; URIBE, F. A. R. U. *Cenários da pandemia: experiências de pesquisa e intervenções em saúde e bem-estar*, 2023 (no prelo).

SILVA, S. de S. Renovação carismática católica: campo de convergência entre fé (milagre) e razão (medicina formal) na atualidade. *Fragmentos de Cultura*, v. 21, n. 4/6, p. 187-207, 2011.

SOARES, F. C.; STAHNKE, D. N.; LEVANDOWSKI, M. L. Tendência de suicídio no Brasil de 2011 A 2020: Foco especial na pandemia de covid-19. *Pan American Journal of public health*, v. 46, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26633/RPSP.2022.212>

SOARES, H. R.; PINTO, F. S. Santa Gianna defensora da vida: um leitura fenomenológica-cultural da experiência do milagre. *Debates do NER*, v. 16, n. 28, p. 253-272, 2015.

SOUSA, L. de J.; FARIAS, R. de C. P. Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19. *Serv. Soc. Soc*, 144, p. 213-232, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.288>

TILLICH, P. *Systematic Theology - Three volumes in one*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

VARGAS, D.; RAMIREZ, E. G. L.; PEREIRA, C. F. O.; RAMOS, S. R. Telenfermagem em

saúde mental: efeito em sintomas de ansiedade e consumo de álcool durante a pandemia COVID-19. *Rev. Latino-Americana Enfermagem*, v. 31, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6172.3934>

VIANA, V. et al. Impacto e adaptação psicológica à covid-19: um estudo qualitativo. *Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde*, v. 22, n. 2, p. 326-337, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.15309/21psd220201>

ZIELINSKI, C. Infodemics and infodemiology: a short history, a long future. *Rev Panam Salud Publica*, v. 12, n. 45, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.40>

ZALUAR, A. Milagre e castigo divino. *Religião e sociedade*, n. 5, p. 161-187, 1980.



Este es un artículo publicado en acceso abierto bajo la licencia Creative Commons Attribution, que permite el uso, distribución y reproducción en cualquier medio, sin restricciones, siempre que se cite correctamente la obra original.